

A LÍNGUA LATINA E AS ESPECIFICIDADES DOS VERBOS IRREGULARES NA LÍNGUA PORTUGUESA

Edjane Bispo dos Santos¹
*Ivanete de Freitas Cerqueira^{**}*

Resumo: Este trabalho tem como objetivo principal evidenciar a importância do estudo do latim para a compreensão das irregularidades que permeiam o sistema verbal português. Para tanto, são feitas algumas reflexões a partir das teorias de autores, como Almeida (1968), Bortolanza (2011), Gonçalves (2007), Ilari (1999) e Viaro (1999). Tal investigação é de cunho quantitativo e se valeu das seguintes técnicas: pesquisa bibliográfica e de campo, com a aplicação de um questionário misto em um grupo de vinte e cinco alunos do nono ano do Ensino Fundamental, na escola Genésio Chagas. A partir das análises dos resultados, observou-se que é essencial estudar a língua mediante uma visão diacrônica, a fim de que os problemas encontrados no presente sejam compreendidos através da busca ao passado, isto é, trabalhar a flexão dos verbos irregulares com os alunos sob o olhar da evolução do português a partir do latim. Com isso, pôde-se concluir também que as dificuldades apresentadas pelos discentes, em relação ao estudo dessas irregularidades, podem ser sanadas se estas não forem estudadas mecanicamente, mas mediante reflexões sobre a sua própria língua.

Palavras-chave: Latim; Língua Portuguesa; Verbos Irregulares.

Abstract: This work aims to highlight the importance of Latin study to understand the irregularities that permeate the Portuguese verbal system. In relation to it, some reflections from the theories of authors such as Almeida (1968), Bortolanza (2011), Gonçalves (2007), Ilari (1999) and Viaro (1999) were made. This research is a quantitative nature and made use of the following techniques: literature and field research with the application of a mixed questionnaire in a group of twenty-five students from the ninth grade of elementary school at Genésio Chagas school. From the analysis of results, it was found that it is essential to study the language by a diachronic vision, so that the problems encountered in the present are understood through the search in the past, i.e., work the bending of the irregular verbs with students, from the perspective of the evolution of Portuguese from Latin. With this, it can also be concluded that the difficulties presented by the students, concerning the study of these irregularities can be remedied if they are not studied mechanically, but by reflections on their own language.

Keywords: Latin; Portuguese Language; Irregular Verbs.

¹ Graduanda em Letras (Português) pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (Ages).

E-mail: edjannebispo@hotmail.com.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8023701526944683>

^{**} Doutoranda em Língua e Cultura e Mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA),
Graduada em Letras (Português e Francês) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

E-mail: ifreitas@hotmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0066582836297725>



1 Introdução

O estudo do latim, língua que deu origem ao português, é essencial para a compreensão das peculiaridades dos verbos irregulares na língua portuguesa, já que estes apresentam mudanças em seu radical quando flexionados e, por esse motivo, precisam ser bastante discutidos em sala de aula, a fim de que os estudantes saibam utilizá-los tanto na escrita quanto na fala e de forma correta.

Nessa perspectiva, é importante conhecer as particularidades que permeiam a antiga língua dos romanos, pois ela ajuda a desvendar situações linguísticas inerentes ao português e que só podem ser solucionadas se as transformações ocorridas durante o seu processo evolutivo forem evidenciadas. Além disso, faz-se necessário considerar que o conhecimento sobre o latim, via história da língua portuguesa, desenvolve novas habilidades nos indivíduos que mantêm contato com esse idioma, como por exemplo o raciocínio lógico e a capacidade de pensar com mais facilidade e coerência, benefícios de extrema importância para os sujeitos. Com isso, vê-se que o educador tem papel fundamental nesse sentido, porque precisa compreender as especificidades relativas à língua latina, a fim de facilitar a aprendizagem do uso dos verbos pelos educandos.

Este trabalho objetiva, por meio da análise dos verbos irregulares presentes no teste respondido pelos alunos do nono ano da Escola Municipal Genésio Chagas, situada em Simão Dias / SE, evidenciar a importância do estudo do latim para a compreensão das irregularidades que permeiam o sistema verbal português. Os discentes tiveram que flexionar dez verbos irregulares nas pessoas, tempos e modos exigidos em cada sentença/oração apresentada.

O primeiro capítulo, *A importância do latim para o estudo do português*, expõe os posicionamentos de alguns autores que possuem estudos relacionados à temática, além explicitar a importância de conhecer essa língua, para melhor compreender o português. Em seguida, há a descrição dos instrumentos metodológicos, da população e de como foi feita esta pesquisa, em *Metodologia*. No capítulo seguinte, ocorre a *Análise e discussão dos dados*, seguida de algumas sugestões para a melhoria do ensino da Língua Portuguesa nas escolas.

2 A Importância do Latim para o Estudo do Português

De acordo com Ilari (1999), as línguas românicas derivam do latim vulgar, ou seja, daquele falado pelas camadas mais populares da sociedade romana, e não do clássico, venerado pelos aristocratas. O português, então, possui diferenças e semelhanças – mais estas que aquelas – no que diz respeito a sua língua originária. Ao analisar o antigo idioma dos romanos, vê-se que ele pode explicar situações linguísticas presentes na língua portuguesa. Esta precisa, pois, ser observada diacronicamente para que seja melhor entendida pelos falantes.

Nessa perspectiva, para os que afirmam que o latim está morto, o vocabulário português mostra justamente o contrário, pois possui inúmeros termos que ainda conservam a estrutura latina e são bastante utilizados pelos usuários do idioma oficial do Brasil, tais como, *curriculum vitae*, *in memoriam*, *fiat lux*, *lacta*, *in vitro*, entre outros. Essas situações demonstram a necessidade de conhecê-lo, já que está tão presente e vivo, seja modificado, seja conservando suas características inerentes.

A estrutura morfossintática da língua latina e a da língua portuguesa são muito diferentes, apesar de a primeira ter dado origem à segunda. O modo de estabelecer as conexões entre as palavras



em ambas é a principal característica que as difere. De acordo com Gonçalves (2007), no latim, as funções sintáticas se dão por meio das marcas morfológicas ou desinências de caso e não pela ordem sequencial das palavras como acontece no português. Logo, a ordem destas, na língua latina, é menos rígida que na portuguesa, pois é o sistema de casos que gera a compreensão dos textos latinos. Além disso, naquela não existem nem artigos nem preposições e os nomes são agrupados em diferentes declinações, conforme o comportamento que cada grupo evidencia.

Sobre a necessidade de os usuários do português conhecerem a língua latina, Viaro (1999) diz que ela proporciona um melhor entendimento da língua portuguesa e seus mistérios, bem como gera uma melhor compreensão do mundo, além de ser um eficaz exercício para a memória dos indivíduos.

Almeida (1968) concorda com Viaro quando afirma que o latim aguça o raciocínio do estudante e o obriga a pensar, a ser mais observador, concentrado, atencioso e calmo, qualidades essenciais ao ser humano, além de ajudar a entender melhor o português.

(...) aprender ou não o latim não é a questão. Ele já convive conosco, pois é a alma de nossa língua e bastaria reconhecê-la. Com o latim, vemos que as irregularidades e as temíveis exceções das gramáticas não são nem irregulares, tão pouco exceções. Tudo passa a ter uma lógica mais clara e previsível (VIARO, 1999, p. 9).

Sob esse prisma, Bortolanza (2011) afirma que o português é ainda o latim, em tempo e espaço diferentes, modificado e transformado em outra língua, mas permanecendo essencialmente latim. Para ele, há mais semelhanças do que diferenças entre essas duas línguas, já que se trata de um sistema que se manteve, ou seja, as terminologias gramaticais são quase as mesmas, apenas ganharam um caráter mais analítico e isso acentua ainda mais a importância do estudo dele, mesmo já transformado em outros idiomas, os neolatinos.

Para Bortolanza: “Verbo não pode ser considerado uma questão morfológica, por se configurar de funcionamento morfossintático” (2011, p. 422). Ele faz críticas severas ao modo como o ensino dos verbos é colocado para os usuários do português e enfatiza a urgência de incorporar o aspecto à conjugação, já que o Perfeito e o Imperfeito na língua portuguesa só estão associados ao Pretérito e isso pode gerar confusão no entendimento das categorias de Tempo e de Aspecto.

Sobre isso, Castilho (1968) define: “O *aspecto* é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento. É pois, a representação espacial do processo” (p. 14). Para tal autor, o aspecto verbal é uma categoria léxico-sintática, já que em sua caracterização interagem o sentido do radical verbal e elementos sintáticos como os adjuntos adverbiais, o complemento e o tipo oracional. Vê-se que as discussões a respeito disso, nas gramáticas e no ensino da língua portuguesa, são insuficientes para o devido entendimento dessa categoria.

Bortolanza (2011) diz que o analitismo do latim vulgar presente no sistema verbal latino frente ao sintetismo do clássico é uma das características marcantes na evolução do primeiro. Isso explica, então, o fato de a língua portuguesa também possuir esse analitismo em seu sistema verbal. Dessa forma, observa-se que as variantes sincrônicas do português precisam ser compreendidas mediante a compreensão das diacrônicas.

É importante conhecer, em suma, os mecanismos estruturais que regem a língua latina, visto que o professor de português precisa desse conhecimento para desvendar algumas peculiaridades



referentes ao idioma oficial do Brasil e sanar as necessidades de aprendizagem dos educandos, além de desfrutar das habilidades que esse estudo proporciona ao sujeito.

3 Metodologia

Esta pesquisa foi realizada com vinte e cinco alunos do nono ano da Escola Municipal Genésio Chagas, situada no Povoado Cumbe, Simão Dias / SE, por meio da aplicação de um questionário misto, contendo perguntas elaboradas de modo a fazer com que as possíveis respostas mostrassem até que ponto os alunos reconhecem as palavras de origem latina em seu dia a dia. Na primeira questão, que se tratava desse reconhecimento, havia palavras bastante utilizadas no português, nas quais a forma latina foi conservada, bem como vocábulos dessa mesma origem que se modificaram, adquirindo outra forma ao longo do tempo. Já a segunda se referia ao emprego dos verbos irregulares na língua portuguesa e ao modo como o radical de alguns adjetivos se modificam quando passados para o grau aumentativo sintético ou para o diminutivo, o que pode provocar confusões quanto ao significado deles.

A aplicação desse instrumento durou cerca de uma hora, cedida pela professora de Língua Portuguesa e não houve nenhum tipo de consulta a materiais ou até mesmo aos colegas de classe, o que é essencial para a lisura deste trabalho, pois cada um fez o que realmente sabia, sem pedir ajuda a terceiros para dar suas respostas.

Nesse sentido, a pesquisa quanto aos objetivos, caracterizou-se como quantitativa e exploratória, uma vez que possibilita uma aproximação da realidade observada e dos dados que serão discutidos na sequência. A investigação também se valeu das seguintes técnicas: pesquisa bibliográfica sobre as principais obras que abordam o assunto e pesquisa de campo, já que foi necessário visitar o espaço onde a pesquisa foi feita.

Sob esse prisma, neste trabalho foi analisada somente a segunda questão do questionário, que se refere ao emprego dos verbos irregulares, na qual foi pedido que os educandos conjugassem os verbos **medir, caber, trazer, crer, tossir, valer, pôr, perder e ler**, em sua maioria, na primeira pessoa do singular no presente do indicativo e alguns poucos na terceira pessoa do plural no presente do indicativo e na terceira pessoa do singular no futuro do subjuntivo.

4 Análise e Discussão dos Dados

De acordo com Almeida (2003), há alternâncias nos radicais de alguns verbos irregulares que opõem a primeira pessoa do singular do presente do indicativo, assim como as do presente do subjuntivo à segunda e à terceira do singular e plural do indicativo. Na maior parte dos casos, se a alternância se der em decorrência da consoante final do radical, a oposição ocorrerá, pois, entre a primeira pessoa do singular do presente do indicativo e todo o subjuntivo ao restante da flexão.

Nesse sentido, essa consoante diferente encontrada na primeira pessoa do presente do indicativo é consequência de uma evolução originada da existência de uma semivogal, resultante do processo evolutivo de uma vogal seguida de outra vogal. Dessa forma, o que acontece com os verbos **Medir e Valer** é o seguinte: a semivogal provocou a palatalização da consoante anterior. Essa elevação



da língua em direção ao palato duro se perdeu no primeiro verbo e deu origem ao fonema /ts/ e depois /s/. Esperou-se que a consoante -l-, presente no radical do segundo, tivesse sido suprimida entre as vogais, mas ela se manteve ao longo da flexão, como ocorre no infinitivo. Tal evolução pode ser observada logo abaixo, segundo Almeida (2003):

MEDIR: metio > me/tj/o > me/ts/o > me/s/o: meço
VALER: ualeo > va/lj/o > va/Y/o: valho

Os alunos que participaram da coleta de dados e responderam ao questionário tiveram dificuldades ao conjugar as formas verbais supracitadas. Na letra A do item relacionado ao emprego dos verbos, foi pedido que os discentes conjugassem o verbo MEDIR na primeira pessoa do singular do presente do indicativo: *Você mede a largura e eu MEÇO o comprimento*. Somente cinco alunos conseguiram fazer o exercício corretamente, dos vinte e cinco participantes. As outras formas foram MIDO (5), MERÇO (3), MESO (2), MEDÓ (1), MERSSO (1), MERSOR (1), MESSO (5) e MEDIREI (2).

Com VALER, em *Essas pessoas podem não valer nada, mas eu VALHO muito*, apenas dois educandos conseguiram obter êxito. A maior parte deles utilizou a forma verbal VALO (12). Houve a utilização de outros verbos como VALORIZO (1) e GASTO (1). O restante variou entre VALEREI (4), VALE, VALEREM, VALEU, VALOR e VALORISO, com uma menção, respectivamente. Vê-se que para tentar conservar o radical, os discentes recorreram ao verbo VALORIZAR e fizeram também uma associação semântica entre VALER e GASTAR. Essas dificuldades que os alunos apresentaram ficaram ainda mais acentuadas quando foi pedido que conjugassem **Pôr** e **Trazer** na terceira pessoa do singular no futuro subjuntivo, como será mostrado a seguir.

A forma verbal PUSER, do verbo PÔR, em *Só ponho meu almoço se você PUSER o seu*, foi utilizada por somente um educando. Os demais se limitaram a deixar o verbo no infinitivo, quinze deles, ou colocá-lo sem o acento POR (3), ou usar o PÔ, PÔNHE, POREM, POIR, PUSER. Um aluno optou por deixar em branco e outro por trocar a palavra pedida por um sinônimo, COLOCO (1), o que não é errado em uma produção textual seja escrita ou falada. Contudo, esse não foi o caso, já que o objetivo é ver como os discentes conseguem flexionar justamente os verbos que são pedidos no questionário.

Já com TRAZER, na frase *Só trago meus CDs, quando Marcos TROUXER os dele*, apenas dois alunos conseguiram cumprir corretamente o que foi proposto, enquanto que seis deles utilizaram o verbo novamente no infinitivo. O restante se dividiu entre as formas TRAGO (2), TRAZ (4), TRAZE, TROUSSER, TROUSER, TRAS, TRASEREI, TRAZEREM, TROSSER, TROUCER, TROSCER, TRÁS, com uma menção por um educando, respectivamente. Um aluno não conseguiu fazer a proposta e deixou em branco o espaço destinado à resposta.

Vê-se até aqui que a maioria dos alunos não consegue responder de modo a seguir a pessoa, o tempo e o modo pedidos nas orações. Alguns deles até conseguem, mas deslizam na ortografia, como foi visto em TROUCER, TROUSSER e TROUSER. Nesse caso, é preciso afirmar que todos tinham o intuito de escrever TROUXER. Os que assim o fizeram desconhecem que, nesse caso, a letra X representa o fonema /s/.

Há verbos nos quais, segundo Almeida (2003), há a alternância de uma semivogal anti-hiática e sua ausência no final do radical, como acontece com **Crer** e **Ler**. São formas verbais nas quais uma consoante foi suprimida na primeira e na segunda pessoa do presente do indicativo.



CRER: *credo* > *creo* > *cre/j/o*: *creio*
credis > *crees* > *crês*
 LER: *lego* > *leo* > *le/j/o*: *leio*
legis: > *lees* > *lês*

Como as vogais da segunda pessoa eram semelhantes, ocorreu uma crase, mas isso não aconteceu na terceira pessoa do plural, visto que as duas foram conservadas quando flexionados os verbos com a característica acima descrita. Isso consegue explicar, portanto, o fenômeno que ocorre com **Crer** e **Ler**, na terceira pessoa do plural do presente do indicativo, descrito na sequência.

O verbo CRER em *Eu creio no que meus pais CREEM* gerou várias formas verbais como respostas. Houve apenas quatro acertos, embora a forma mais utilizada por eles tenha sido CRER (6). Alguns até souberam flexionar tal palavra, mas não conseguiram escrevê-la corretamente: CREM (4). Outros utilizaram o acento circunflexo que caiu com a chegada do Novo Acordo Ortográfico: CRÊEM (2). Os demais fizeram CREREM (3) e CREIREM (1).

Algo semelhante aconteceu com **Ler** em *Eu leio o mesmo livro que eles LEEM*. Apenas quatro alunos fizeram corretamente e os demais se limitaram a responder LEIO (1), LEM (5), LER (3), LEIM (1), LERAM (4), LE (1), LEREM (2), LEO (1) e LÊEM (2). Um aluno não conseguiu responder ao quesito.

De acordo com Almeida (2003), há ainda verbos que apresentam uma oscilação entre um ditongo e uma vogal na sílaba tônica originária da atração entre a vogal tônica e uma semivogal que existia na última sílaba. “Note-se que do português actual fazem parte verbos que numa fase antiga apresentavam essa alternância, tendo a semivogal acabado por desaparecer” (ALMEIDA, 2003, p. 103). É o que acontece com **Caber**:

CABER: *capio* > *cab/j/o* > *ca/j/bo*: *caibo*

O verbo CABER deveria ser conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo: *Se Maria cabe nesse cubículo, eu não CAIBO*. Dos vinte e cinco, somente três alunos conseguiram acertar e o restante se dividiu entre CABEREI (10), CABO (5), COUBE (2), CABE(2), CABEREM, COBE E CABER. Isso demonstra que os discentes procuram conservar o radical ao flexionar os verbos na primeira pessoa do singular no presente do indicativo assim como é feito com os regulares e isso gera confusão. A forma CABO é um bom exemplo, visto que isso é observado no processo de aquisição da linguagem pelas crianças as quais tentam conservar a raiz de verbos como CABO/CAIBO, SABO/SEI, MIDO/MEÇO, e como será exposto na sequência, TECO/TEÇO, TOSSO/TUSSO e PERDO/PERCO.

Com TECER houve realmente muita confusão. O enunciado *Enquanto ele tece o chapéu, eu TEÇO a esteira* pede a primeira pessoa do singular no presente do indicativo, mas somente seis educandos obtiveram êxito. O restante ficou limitado a TECO (3), TOUÇO (1), TERÇO (2), TECEREI (4), TECIR (2), TORCIREI (1), TERCEREI (2), TROÇO (1) e TECE (1).

Situação semelhante ocorreu com TOSSIR em *Engraçado! Quando você tosse, eu também TUSSO*. Pede-se a primeira pessoa do singular do presente do modo indicativo. Cinco alunos conseguiram acertar, embora boa parte tenha respondido TOSSO (9), como descrito anteriormente. Esse verbo



obteve a maior variação entre as respostas: TURSSO (2), TOSSI (1), TOUSSIR (1), TOSSIR (1), TORSSEREM (1), TOSSER (1), TORÇO (1), TOSSIREI (1) e TORSSOR (1).

Segundo Almeida (2003), no sistema morfológico do português há verbos que possuem todas as formas irregulares no subjuntivo e na primeira pessoa do presente do indicativo, no tocante à diacronia e por influência analógica. Isso pode ser explicado ao observar a evolução de **Medir** e **Perder** na primeira pessoa, respectivamente:

MEDIR: môtio > me/tj/o > me/ts/o > me/s/o: **meço**

PERDER: pěrdeo > per/dj/o > per/ts/o > per/s/o: **perço > perco**

O verbo PERDER deu margem a diversas possibilidades, como PERDO (8), PERDI (4), PERSO (2), PERDEREI (3), PESSO (2) e PERSOR (1), quando foi requisitada a primeira pessoa do singular do presente do indicativo, PERCO, a qual foi mencionada por apenas três discentes, no enunciado *Joana perde dinheiro e eu PERCO muito mais*. Um aluno optou por não responder e um outro, pelo antônimo GANHO. Esta forma não é muito apropriada, pois inverte o significado da oração.

5 Considerações Finais

Observa-se que verbos como Medir, Valer e Caber são irregulares se forem observadas somente as mudanças em seu radical. As irregularidades que se fazem presentes na primeira pessoa do presente do indicativo e em todo modo subjuntivo são regulares de acordo com o ponto de vista da diacronia, ou seja, a evolução deles aconteceu de forma natural e regular. Faz-se necessário, então, olhar a língua por uma visão diacrônica, a fim de que os problemas encontrados no presente sejam compreendidos através da busca ao passado.

Formas como MERÇO, MESO, MERSSO, MERSOR e MESSO podem ser vistas como variantes ortográficas de MEÇO, bem como TROUSSER, TROUSER, TROSSER, TROUCER e TROSCER, pois são variantes de TROUXER. O mesmo acontece com CRÊEM e CREM, de CREEM; LEM, LEIM e LÊEM, de LEEM; TERÇO, de TEÇO; e TURSSO, de TUSSO. Essas formas implementadas se diferem somente na ortografia, daquelas aceitas como corretas, porque a pronúncia destas em relação às produzidas pelos alunos são muito parecidas. Os estudantes sabiam conjugar tais verbos, mas não souberam escrevê-los de acordo com a norma padrão.

Já com VALO, produzida por vários discentes para representar a primeira pessoa do singular do presente indicativo de VALER, ou seja, VALHO, conclui-se que tal forma segue a regularidade do próprio verbo, pois apresenta uma alteração no radical, quando conjugado em situações que evidenciam justamente a primeira pessoa do singular do presente indicativo, bem como no presente do subjuntivo e imperativo afirmativo e negativo. Nesses casos, o -l- do radical passa a ser -lh-, quando seguido das letras a e o.

É importante ressaltar que a situação acima descrita pode ser melhorada com a intensificação das leituras, análises textuais e produções de texto, como também pelo exercício de conjugação dos verbos irregulares, de modo a fazer com que os discentes consigam refletir sobre a língua e não somente como exercício de memorização das desinências verbais, porque aquilo que é decorado será esquecido



em um dado momento. Mas, quando a aprendizagem é significativa, o conhecimento adquirido tende a ser ampliado dentro e fora da sala de aula.

De acordo com os resultados obtidos no teste, observa-se que houve falhas no processo de ensino/aprendizagem desses educandos, pois são formas verbais utilizadas com frequência por quaisquer falantes da língua portuguesa, e devido às irregularidades presentes nos radicais, são implementadas com dificuldades por boa parte dos falantes do português que não conhecem as especificidades de cada um dos verbos apresentados.

O sistema de ensino prima pela quantidade e não pela qualidade, ou seja, pela aprovação da maioria dos educandos, mesmo que estes não tenham desenvolvido os requisitos exigidos para serem aprovados. Isso se dá pelo fato de que as verdadeiras dificuldades dos alunos não são detectadas e sanadas já no início da vida educacional ou até a conclusão da Educação Básica. Dá-se prioridade à aplicação dos conteúdos, enquanto que alguns estudantes não conseguem ler, interpretar e escrever bem os textos.

É necessário fazer com que os discentes consigam refletir sobre a sua língua, pois esta possui singularidades que somente poderão ser entendidas após a observação de como se deu a evolução do latim. Precisa-se trabalhar a flexão dos verbos irregulares com os alunos e sempre se voltar para a evolução do português a partir da língua latina.

Referências

ALMEIDA, Maria Luisa A. F. de. Regularidade e irregularidade nos paradigmas flexionais. **Máthesis**, Jandaia do Sul, v. 12, n. 1 e 2, p. 89-112, 2003. Disponível em: <http://www4.crb.ucp.pt/biblioteca/Mathesis/Mat12/Mathesis12_89.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2016.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática latina**. 12. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.

BORTOLANZA, João. O latim e o ensino de verbos. I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1., 2011. Uberlândia. **Anais eletrônicos...** Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 418-425. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume_1_artigo_046.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2016.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. 1966. 133f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, Marília, 1968.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. **Língua latina**. Curitiba: IESD Brasil, 2007.

ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.



VIARO, Mário Eduardo. A importância do latim na atualidade. **Revista de ciências humanas e sociais**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 7-12, 1999. Disponível em: <http://www.unilago.com.br/download/arquivos/20996/artigo_Mario_Viaro.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2016.

